

OS SENTIDOS DE BERGSON

Débora Cristina Morato Pinto



***BERGSON OU OS DOIS SENTIDOS DA VIDA, DE FRÉDÉRIC WORMS,
SÃO PAULO, EDITORA UNIFESP, 2011, 384 P.***

F

rédéric Worms tem sido o principal nome ligado à revitalização da filosofia de Bergson nas mais diversas instâncias em que se desenvolve o trabalho intelectual, na França e em outros países. Professor da Universidade de Lille III, sua atuação institucional destacada responde pelo lançamento dos *Annales Bergsoniennes*, periódico dedicado ao filósofo, pela fundação da *Société des Amis de Bergson*¹, a qual preside, e pelo diálogo constante e rico com estudiosos, professores, intelectuais e diletantes do mundo todo que elegeram o bergsonismo como horizonte de reflexão. Além das publicações, colóquios e associações ligadas a esse movimento de retomada, Worms dirige atualmente o

DÉBORA CRISTINA MORATO PINTO é professora-associada do Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da UFSCar e pesquisadora do CNPq.

Ciepfc, Centre International d'Etude de la Philosophie Française Contemporaine², na Escola Normal da Rue d'Ulm, uma das instituições de formação filosófica mais respeitadas no mundo. É de fundamental interesse apontar o fato de que esse trabalho institucional, acadêmico e mesmo político tem sua origem e suas direções essenciais nos anos de dedicação ao estudo profundo e rigoroso das obras de Bergson. O livro *Bergson ou Os Dois Sentidos da Vida*, lançado agora pela Editora Unifesp, representa um dos pontos culminantes desses anos de estudo, marcando época no movimento de redescoberta do valor e do papel da filosofia de Bergson no pensamento francês do século XX. Trata-se de uma obra de comentário, dirigida em primeiro lugar a estudiosos, docentes e alunos de filosofia, representando a uma só vez um novo olhar sobre o modo como Bergson dialogou com seu presente e se abriu para seu futuro e o ápice dessa reflexão de especialista, cujos capítulos anteriores envolvem uma tese de doutorado, um livro dedicado à apresentação e à análise passo a passo da obra magistral *Matéria e Memória*, a coautoria de uma respeitada biografia do filósofo e uma série de cursos, palestras, mesas-redondas e artigos sobre a filosofia da duração.

Dois Sentidos da Vida é, então, uma obra bem inserida na bibliografia dita de “apoio” para pesquisadores em filosofia, particularmente aqueles que se situam no campo dos autores franceses dos últimos dois séculos. Seu alcance alarga-se consideravelmente, em contrapartida, pela originalidade que confere ao trabalho de historiador da filosofia. Worms impõe ao seu leitor, em primeiro lugar, além do intenso exercício intelectual referido a um grande filósofo, a atenção a traços nada evidentes do seu pensamento; além disso, e eis o que se trata aqui de sublinhar, ao conferir à filosofia bergsoniana um sentido ético preciso, faz dela a base para um programa filosófico pessoal e situado na segunda metade do século XX. Tal programa está ancorado em intenções bem delineadas desde os primeiros estudos sobre Bergson: seu trabalho acadêmico sempre visou desenvolver uma interpretação da obra do filósofo em sua totalidade, buscando a unidade ou, antes, o movimento que unifica uma série variada de reflexões, discussões, temas e problemas. Esse ponto de partida e mesmo de chegada implica enfrentar o risco de tratar o bergsonismo como filosofia sistemática, sabendo que o próprio filósofo foi um crítico radical do espírito de sistema. Assim, se há unidade na filosofia de Bergson, ela deve apresentar-se como não sistemática, unidade de uma pluralidade de atos filosóficos heterogêneos cuja expressão está em cada livro. Desse modo, a tarefa exige também dar conta de quatro obras de “doutrina”³ ao mesmo tempo em que, sem negligenciar as particularidades de cada uma delas, mostra o movimento contínuo, temporal mesmo, pelo qual elas saem umas das outras. Ocorre que, ao fazê-lo, Worms encontra nos livros elementos pouco ou quase nada explorados anteriormente, ao mesmo tempo em que arrisca soluções aos problemas que a filosofia bergsoniana colocou para sua posteridade filosófica e que ficaram abandonados no caminho tortuoso que a recepção de seu pensamento percorreu desde o fim da Segunda Guerra

1 Fundada em 2006 para retomar o projeto da antiga Association des Amis de Bergson e reunir, divulgar e ampliar em rede os trabalhos em torno do filósofo. Ver: <http://www.amisdebergson.fr>.

2 Centro de pesquisa do Departamento de Filosofia da ENS-ULM, cuja proposta é acolher e desenvolver as pesquisas na área. Criado em 2002 por Alain Badiou, ele reúne a maior parte dos pesquisadores da área atualmente. Ver: <http://www.ciepfc.fr>.

3 A saber: *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência*, de 1889; *Matéria e Memória*, de 1896; *A Evolução Criadora*, de 1907, e *Duas Fontes da Moral e da Religião*.

Mundial até meados dos anos 80. Problemas que grandes comentadores do bergsonismo aventaram, mas deixaram quase intactos – voltaremos a eles mais adiante.

Acompanhamos, desse modo, ao longo do livro, como a filosofia bergsoniana se desenvolve partindo da descoberta de que o tempo real não é o espaço ou, antes, de que suas características essenciais opõem-se frontalmente às do espaço, e chegando até à elaboração final de uma doutrina sobre a vida, psicológica, orgânica e metafísica, numa multiplicidade de críticas, conceituações e diálogos com a ciência de seu tempo. Mais que isso, a descrição minuciosa e clara das etapas constitutivas desse pensamento, tomando internamente, se realiza também como explicitação da abertura dessa nova filosofia (que se constrói de meados de 1880 até o final dos anos 1930) aos problemas cruciais e ao ambiente filosófico desse período. Uma tarefa dupla, esclarecimento do movimento interno, explicitação da abertura à exterioridade própria aos campos da ciência, da moral e mesmo da religião, alcançada através do *simplex gesto teórico de perseguir incessantemente as duas noções em princípio contrapostas*. Seguir esse itinerário para oferecer uma solução a essa dualidade, podemos assim definir a proposta de Frédéric Worms.

Definindo sua hipótese interpretativa centrada na consideração efetiva da distinção entre espaço e tempo como origem da filosofia bergsoniana, Worms desenvolve as análises de cada obra num movimento de conjunto impressionante pela coerência, unidade e profundidade. Quer estejamos de acordo ou não com sua hipótese, não é possível desconsiderar a força das análises e a fertilidade de seus esclarecimentos a respeito de passagens clássicas. Essa força se faz sentir justamente em pontos nevrálgicos dos conceitos criados por Bergson, além da inestimável contribuição sobre o método empregado para tanto. Duração, memória, ela vital, para pegar a tríade sublinhada por Deleuze em seu estudo clássico, e intuição como método recebem dessa leitura novos aportes para que sua justa

inserção na história da filosofia contemporânea possa ser examinada. Seu livro busca, a partir desse objetivo bem traçado, explicitar como essa diferença se resolve, por assim dizer, na distinção e na relação entre dois sentidos da vida – da vida em geral, orgânica, anônima e espacial, de um lado, e subjetiva, individual e temporal, de outro.

Mas em que sentido se fala aqui de sentido? Eis o segundo e talvez mais importante aporte da leitura aqui em tela: não se trata do mero conteúdo semântico, encontrado na significação de termos no dicionário, tal como o próprio autor ressalta, ou do significado expresso por duas conceituações distintas sobre a vida. Trata-se, sim, de uma ligação indissociável entre a delimitação do conteúdo das noções (espaço e duração, matéria e memória, inteligência e intuição, nas diversas camadas de pares de opostos que vão se recobrando) e a experimentação em ato, numa vida singular, de dois modos de exercer a vida, de duas condutas ou duas formas de vida. Mais explicitamente, Frédéric Worms concentra sua interpretação, à diferença de outros clássicos estudos sobre Bergson, tais como *Bergson* de Deleuze e *Presença e Campo Transcendental* de Bento Prado Júnior, no vínculo indissociável entre, de um lado, o trabalho teórico-conceitual de crítica da tradição racional e concomitante constituição positiva de uma nova teoria do tempo (crítica e nova ontologia, que situam Bergson no debate próprio à filosofia transcendental) e, de outro, a demonstração, via experiência compartilhada das *démarches* empíricas do sujeito filosofante, da própria efetividade no mundo dessa duração cuja realidade é sempre a de singularidades nas quais ela se efetiva. Dito de outro modo, estamos lidando com uma contraposição não mais ou não apenas teórica – tal como seria o caso se nos atívéssemos à vida em sentido orgânico e em sentido metafísico – mas também e, sobretudo, ética e prática. A tarefa última da filosofia bergsoniana, eis o ponto sobre o qual Frédéric Worms ousou se debruçar, é a mesma que a da filosofia em suas origens, ela diz respeito a condutas, a ações e a valores.

Ainda que de forma bem resumida, voltamos aos elementos negligenciados na historiografia sobre Bergson e revelados pelas análises de Worms: em primeiro lugar, pensar a filosofia de Bergson, mais do que como a construção de uma doutrina do tempo, como movimento de esclarecimento e aprofundamento do sentido de uma *diferença*. Se a procura da unidade da obra exige eleger uma chave interpretativa, somos impelidos a pensar, de imediato, que a chave elaborada pelo autor seria fabricada, sobretudo, a partir da noção diretriz desse pensamento, isto é, concentrada sobre a duração. É aqui que encontramos, entretanto, a surpresa: ao buscar a unidade, Worms se vê diante da origem desse pensamento numa distinção, entre espaço e tempo, o “fato notável” várias vezes mencionado por Bergson. Ao tomar a sério esse fato, dele partindo e a ele retornando exatamente como o filósofo construiu sua reflexão, Worms enfrenta a tarefa, que ele mesmo se impõe, de compreensão da filosofia bergsoniana em suas consequências últimas, o que exige acompanhar a ampliação cada vez mais intensa dos prolongamentos dessa diferença inicial, até o ponto em que se torna possível compreender sua união originária, e assim, sua relação.

Para tanto, o centro da justificativa de sua hipótese reenvia o autor ao trabalho de comentário dos textos: ler os livros de Bergson tendo em mente o conteúdo da intuição primordial, isto é, perguntando-se reiteradamente como se dá e por quais elementos se esclarece a diferença entre espaço e duração. São analisadas então as famosas páginas do *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência*, em que o estudo da interioridade psicológica – ponto de partida único e inevitável pelo qual essa obra pagou um preço alto, dada a rejeição que ela sofreu, de diversas maneiras, ao longo do século XX, aquele mesmo da “dissolução” do sujeito e da constante crítica ao psicologismo – busca expor como nossa vida prática e social, prolongada pela ciência e formalizada pela filosofia, oculta o modo de ser da duração interna em nome das necessidades impostas

pela exteriorização. O ponto central da leitura de Worms se apresenta, então, já que ele é talvez o primeiro, mas com certeza aquele que melhor soube compreender e expressar com rigor e precisão que o traço da temporalidade interna, material, vital e metafísica que se mascara pela forma espacial que a inteligência lhe impõe não é apenas o seu *conteúdo* heterogêneo e contínuo, mas também o *ato* “que assegura a conservação real dos momentos do tempo”. Esse ato surge timidamente no *Ensaio*, mas ocupa lugar de honra no livro seguinte – lugar restituído e bem explorado pelo estudo que Worms dedicou a *Matéria e Memória*, em sua tese e em seu livro publicado pela PUF em 1997, ao se apresentar como fundamento da distinção entre as duas memórias, corporal e espiritual, memória-hábito e memória-lembrança, que se unem num sujeito ou numa vida singular pelo ato de contração das vibrações do mundo material pelo qual esse sujeito avança e persiste na vida, sobrevivendo no mundo e vivendo o mundo em sua experiência própria.

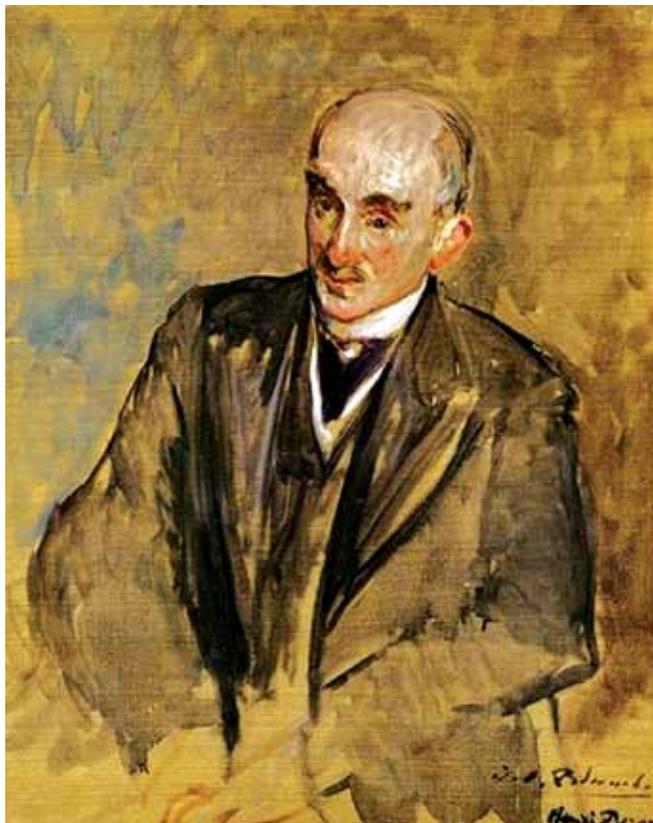
No caso do *Ensaio*, o autor conferiu grande ênfase, o que é no mínimo pouco usual, ao modo pelo qual Bergson entende o papel e a significação do espaço em nossa experiência sensível, e mesmo em nossa vida. A perseguição incessante à diferença conceitual primeira e maior do bergsonismo e o exame da função e da estrutura espacial que dela se segue conduzem o autor de *Dois Sentidos* a formular soluções interpretativas para passagens de imensa complexidade, como as descrições da formação de representações quantitativas (as oscilações de um pêndulo, as baladas de um sino, etc., que formariam segundos e minutos) do tempo a partir de um trabalho sobre os efeitos dos mais variados estímulos em nossa sensibilidade. A confluência entre transcendental e empírico, de resto um objetivo que podemos situar como tema candente da fenomenologia de Merleau-Ponty – cuja obra maior, *A Fenomenologia da Percepção*, não poupará o *Ensaio* de Bergson de críticas ferozes e apressadas, ousamos dizer –, se faz presente precisamente por esse trabalho de consideração do su-

jeito sensível como instância que *se constitui como duração*. Ressaltamos aqui, num ponto preciso, novas e bem-sucedidas formulações destacadas da leitura da análise bergsoniana da liberdade, concentradas sobre a experiência psicológica e seu significado metafísico: um capítulo especial em que um conjunto de análises de texto toma a forma de criação nova e significativa, capítulo pleno de comparações e de dados complementares a outro estudo prodigioso de Bergson, o livro de Bento Prado Júnior, em que a dialética passividade/atividade vem ao centro do estudo da experiência sensível.

Mencionemos em linhas bem gerais a argumentação central a esse capítulo – intitulado justamente “Uma Distinção em Nossa Vida” –, ao longo do qual belas páginas de Bergson são retomadas em comentários notáveis. A eleição do ato de conservação como traço menosprezado em geral pelos estudos sobre Bergson permite a Worms dar conta de uma espécie de “passividade ativa” do tempo, do tempo sujeito, de uma experiência que, tomada em seus dados imediatos, expõe a instituição de uma forma imanente ao conteúdo que *se faz e se sente*, conteúdo que engloba uma singularidade subjetiva que, em contrapartida, dá seguimento ou garante a continuidade do tempo pelo ato de conservação imerso na própria sensibilidade. Mais explicitamente, encontramos nos comentários sobre o *Ensaio* uma minuciosa análise que ilustra e explica a imanência à sensibilidade como lócus da expressão da verdade do tempo. A duração efetiva-se se a apreendemos em sua manifestação direta e imediata, purificada de elementos espaciais, como *ato de integração sem o qual não há continuidade do tempo*. A apreensão de baladas de um sino, descrição que ocupa o centro da definição da *durée*, indica suas consequências últimas à luz da relação entre atividade e passividade na recepção mesma de dados sensíveis. Worms explicita a lição primordial tirada de tal descrição: que não é o tempo em geral nem o “som objetivo” que passou, e que a imagem de melodia constantemente usada por Bergson para sugerir

a forma da duração indica uma estruturação ou formação sensível que a definição kantiana do tempo como forma da sensibilidade simplesmente perdeu de vista. Retomamos os termos do autor: trata-se não de uma forma *a priori*, mas sim um efeito sensível que se transformou, e o “mistério do tempo não está nas coisas, mas em nós, no coração de nossa sensibilidade”. Nesse sentido, a sensibilidade não pode ser meramente passiva, mas sua forma não está dada *a priori*, exteriormente a seu conteúdo: “há, portanto, mesmo nas sensações mais passivas, um ato que consiste em organizá-las e retê-las, e que explica a relação dialética e dinâmica de expressão e de adição entre um elemento e o todo ao qual ele se integra e que ele transforma” (p. 63). Um ato mínimo, que parece evocar a memória, e que se diferencia totalmente da consciência reflexiva; é o “simples prolongamento do antes no depois imediato”, um ato impessoal ainda que consciente e empírico – psicológico e “de nenhum modo transcendental”. Esse ato terá intensidades distintas, o que explica a duração distendida do sonho e a tensão no ato livre e no movimento.

É dessa redescritção do movimento de instituição do tempo que a recolocação do tema da liberdade ganha forma: na verdade, Bergson efetiva a dissolução do problema do livre-arbítrio e sua infundável polêmica com o determinismo, pela qual o fato da liberdade aparece à luz da nova teoria do tempo. Na contramão da maior parte dos estudos sobre o *Ensaio*, Worms viu na teoria da liberdade desenvolvida no terceiro capítulo a demonstração empírica de uma definição da duração – forma pura tempo – obtida por dissociação ou análise diferenciadora. O sujeito sensível ou eu autônomo que se revela no estudo da multiplicidade interna e qualitativa é aquele que produz efeitos no mundo, e a liberdade não é um milagre da duração, nem um produto passivo de um tempo separado de nós, mas é marca de um ato que retoma o conteúdo de nossa história singular por um esforço supremo e raro de tensão. A tríade sujeito-tempo-liberdade recebe de Bergson um tratamento inteiramente novo e original,



**Bergson,
por Jacques
Émile
Blanche
(estudo)**

pelo qual o filósofo se insere em todos os debates de relevância filosófica da virada do século XX – trata das *démarches* transcendentais que não abrem mão do conhecimento das realidades em si mesmas, da articulação vivida entre imanência e diferença, do papel do corpo na representação como recorte prático no mundo, da renovação da ontologia que supera os impasses dos polos exteriores e incomunicáveis herdados da filosofia moderna, da metafísica da vida que a nova biologia pede e insinua – e o mérito de *Dois Sentidos da Vida* reside sobretudo em acompanhar como esses temas são tratados, reposicionados e aprofundados através da exploração da diferença essencial entre duração e espaço.

O ato livre leva ao mais alto grau os dois elementos da duração (quase os tornando aparentemente contraditórios): de um lado ele exprime a totalidade do conteúdo ou da história de um eu singular; de outro, ele faz sentir uma força ou uma “atividade viva” pela qual o eu se produz a si mesmo. Só a conjunção dessas duas condições faz um ato

ser livre. Relacionar esse ato à totalidade de uma vida não seria a garantia de sua autonomia se não houvesse, além disso, nessa própria relação, tomada sob seu ângulo temporal, uma verdadeira produção causal do ato. Por outro lado, esse sentimento da atividade viva, dessa “força” (que nos faz passar de um momento da duração a outro) não teria para nós o sentido de nossa própria liberdade (e poderia remeter a uma força da natureza em nós) se ele não se manifestasse por essência ao reenviar ao conteúdo total e singular do eu humano individual.

Mas esse momento que acabamos de citar apenas indica o modo como passagens e análises filosóficas de Bergson são retomadas por esse estudo de fôlego. Importa, ainda e finalmente, colocar em relevo a outra contribuição do livro citada acima, pela qual ele abriu as vias de estudos posteriores cujos temas configuram um terreno efetivamente novo no campo dos especialistas em Bergson – o que pode significar, efetivamente, uma novidade de alcance mais amplo em filosofia.

Tal abertura, não custa reiterar, se deve precisamente à estratégia adotada na interpretação e à dimensão da duração como ato que estava ausente dos estudos anteriores. Com efeito, a consideração do ato de conservação do tempo, ato de ligação e de tensão pelo qual os momentos passam uns nos outros, ressurgem sempre em sua função capital nos livros seguintes, evidenciando a memória-ato como base da união entre corpo e consciência no itinerário de *Matéria e Memória*, e como fundamento último da inversão da duração em espaço pela simples interrupção do ato próprio à *durée*, a ex-tensão que origina a matéria – isso naquele que talvez seja o texto mais metafísico escrito por Bergson, o terceiro e mais importante capítulo de *A Evolução Criadora*. A consideração progressiva da duração *como ato* em cada obra conduz justamente à elucidação do significado último da distinção entre espaço e tempo como duas formas do viver.

Situando nossa apresentação desse livro agora na consideração do conjunto da obra e da relação entre os quatro principais livros de Bergson, chegamos então à conclusão de *Dois Sentidos*. Dissemos anteriormente que Worms aponta na distinção entre espaço e duração dois alcances complementares: sua implicação metafísica, tocando na questão da unidade do real e da sua diferenciação – questão recoberta pela pergunta sobre a relação ontológica e epistemológica entre a vida orgânica que se exterioriza e se desdobra um espaço e a vida temporal ou metafísica, descrita pela ação própria à duração, seu ato de tensão – mas tocando também no estabelecimento de duas formas de condutas distintas, aquela que mergulha nos hábitos, na passividade e no anonimato, ali se conformando e encontrando seus limites, ou aquela que busca a criação, o esforço de tensão pelo qual se superam os hábitos, as sociedades fechadas e a passividade, a vida criativa e livre. Essa dimensão da vida como modo de conduta é assimilada ao *corpus* teórico da filosofia bergsoniana de forma a retomar o último livro do filósofo, aquele mesmo que se dedica ao estudo da moral e da religião,

elegendo a experiência dos grandes místicos como caso paradigmático do conhecimento intuitivo – o livro, sabemos bem, que fez muita água correr. E é na análise desse livro, tarefa que Deleuze e Bento Prado decidiram não incorporar a seus estudos sobre Bergson, por razões nas quais ainda convém pensar, que entendemos então em sua amplitude a distinção entre os dois sentidos da vida, logo retomados como duas formas de vida social e dois exercícios de vida religiosa, na oposição última e enigmática ente o fechado e o aberto. Assim, o mérito, concordemos ou não com ela, da hipótese de Frédéric Worms, uma tese original em torno da qual se organiza o livro *Bergson ou Os Dois Sentidos da Vida*, reside, sobretudo, em nos oferecer um modo de reconsiderar o papel, o conteúdo e os esclarecimentos finais da última obra de Bergson – *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Melhor dizendo, os esclarecimentos que esse livro tão controverso acrescentam à distinção entre espaço e duração. Frédéric Worms efetiva uma das mais profundas análises desse livro, mostrando finalmente como esse ato final da filosofia de Bergson esclarece a contraposição entre espaço e tempo e explora suas consequências últimas, com a diferenciação entre fechado e aberto recobrando os dois atos (tensão criativa e extensão material) metafisicamente circunscritos na metafísica de *A Evolução Criadora*. Da vida psicológica à vida metafísica, passando pela remodelação completa do sentido da biologia, é na moral que toda a reflexão bergsoniana vem desembocar. E as condutas ali descritas, repercutindo na vida social e na experiência ética, como que sugerem um programa filosófico que Frédéric Worms parece tentar executar – de onde sua superação do papel de comentador ou historiador da filosofia. Deixamos então, aos leitores interessados, o convite a descobrir ou redescobrir um livro menosprezado, incompreendido, e assim redescobrir o próprio filósofo. *Dois Sentidos da Vida*, ainda que extremamente técnico e de escrita não fluente, é uma das grandes apresentações a esse pensamento.